



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**NILZETE MORAES GOMES**

**A CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA FORMAÇÃO LEITORA  
DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO, NA ESCOLA PROF.  
BERNARDINO PEREIRA DE BARROS.**

**ABAETETUBA-PA  
2013**

**NILZETE MORAES GOMES**

**A CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA FORMAÇÃO LEITORA  
DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO, NA ESCOLA PROF.  
BERNARDINO PEREIRA DE BARROS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito final para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação: Língua Portuguesa (PARFOR) pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Leiliane Nascimento da Silva.

**ABAETETUBA-PA  
2013**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

G633c Gomes, Nilzete Moraes.  
A crônica como estratégia de ensino na formação leitora dos  
alunos do 1º ano do ensino médio, na escola prof. Bernardino  
Pereira de Barros / Nilzete Moraes Gomes. — 2013.  
52 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Leiliane Nascimento da Silva  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2013.

1. Gêneros textuais . 2. Crônica . 3. Estratégias de ensino.  
4. Formação leitora. I. Título.

CDD 807

---

**NILZETE MORAES GOMES**

**A CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA FORMAÇÃO LEITORA  
DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO, NA ESCOLA PROF.  
BERNARDINO PEREIRA DE BARROS.**

**DATA DE APROVAÇÃO: 06/10/2013**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Orientadora  
Profª. Esp. Liliane Nascimento da Silva

---

Avaliador 1

---

Avaliador 2

**ABAETETUBA-PA  
2013**

## Dedicatória

Dedico este trabalho, ao Deus maravilhoso a quem sirvo e que me sustentou, guiou e capacitou para concluir esta etapa de minha vida. A Ele que nunca me abandonou e sempre esteve e está presente em todos os momentos bons ou ruins me levando e me fazendo prosseguir, a esse Deus onipotente, onisciente e onipresente dedico primeiramente esta conquista;

Aos meus pais, Raimundo Gomes e Raimunda Moraes (*in memoriam*) que muito fizeram por minha formação pessoal e profissional e que sempre me apoiaram, cuidaram de mim, me protegeram, a eles sempre deverei muito por todo amor e dedicação;

Aos meus irmãos, Nilseia, Nazareno, Rosa, Silva, Erilda e João que até hoje continuam me apoiando, estão sempre presente na minha vida;

Ao meu esposo, Ossenildo de Abreu Pinheiro, pelo amor, esforço, parceria, compreensão, durante toda a nossa vida conjugal, e por compartilhar os momentos felizes e os de dificuldades, e que nunca me deixou sozinha, está sempre me apoiando;

Ao meu filho, João Victor Gomes Pinheiro, pelo imenso amor, respeito, paciência e compreensão dedicados a mim;

Aos meus sogros, José Maria Macêdo Pinheiro e Palmira Pinheiro, pelo carinho e apoio incondicional;

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, a minha orientadora Leiliane Nascimento, obrigado pelo esforço e dedicação no decorrer do curso;

A direção da escola pesquisa, todos os docentes e aos alunos que participaram diretamente deste trabalho;

As minhas colegas, Rosa Lúcia; Maria Lúcia; Regina Maria pela parceria nos trabalhos realizados em grupos, especialmente a minha amiga e irmã Sara Pinheiro, pelo apoio que me deu durante todo tempo de minha formação acadêmica, bem como os demais colegas da turma, que me receberam muito bem e sempre me ajudaram na realização desta conquista.

## **Agradecimentos.**

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, Ele que me conduziu e me fortaleceu para vencer todos os obstáculos, que surgiram durante a minha caminhada acadêmica em busca de uma capacitação de qualidade. Aos meus pais, irmãos, filho, esposo, sogros, amigos, colegas de turma, a todos os professores que participaram de minha formação e a minha orientadora, por terem me impulsionado a galgar essa conquista.

*A crônica não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus', - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.*

Antônio Cândido (1980, p. 5)

## **Resumo.**

O presente trabalho discutiu as estratégias de ensino e formação de leitores, e conseqüentemente, produtores a partir do gênero Crônica como subsídio para essa formação. No entanto, o trabalho deteu-se principalmente em analisar as crônicas produzidas pelos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Bernardino Pereira de Barros utilizando um modelo avaliativo que propõem uma melhor retificação progressiva do processo de ensino e aprendizagem. Vale destacar, que a referida pesquisa insere-se na perspectiva teórica discutida pelos PCNs, Luiz Antônio Marcuschi, Bakhtin, Bronckart, Antônio Cândido, Isabel Solé, além de outros que me ajudaram nesta pesquisa e serão citados como referência deste trabalho. A escolha metodológica possui uma base qualitativa e interpretativa, a qual, tendo em vista o envolvimento com a sala de aula e seus participantes, endossa a preocupação da pesquisa em descrever tal *lócus* a partir do seu ambiente próprio, observando e analisando os traços culturais do grupo. Tais objetos de análise receberam tratamento metodológico baseado numa perspectiva etnográfica, que considera o *lócus* natural de atuação dos informantes – neste caso, a sala de aula – e também a análise da produção textual coletada – que, para esta pesquisa, foi utilizada na análise dos textos produzidos pelos alunos. Ressaltamos que o corpo de dados apresentado foi escolhido, devido apresentar substancial diferença entre trabalho prescrito e trabalho real.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais, Crônica, Estratégias de ensino, Formação leitora.

## **Abstract.**

This paper discussed the strategies for education and training of readers, and therefore producers from the genre Chronicle as subsidy for this training. However, the work deteu mainly on analyzing the chronicles produced by the students of 1st year high school State School of Elementary and Secondary Education Prof. Bernardino Pereira de Barros using an evaluative model that propose a better rectification gradual process of teaching and learning. It is worth mentioning that this study is part of the theoretical perspective discussed by PCNs, Luiz Antônio Marcuschi, Bakhtin, Bronckart, Antônio Cândido, Isabel Solé, and others who helped me in this research and will be cited as a reference in this work. The methodological choice has a basic qualitative and interpretative, which, in view of the involvement in the classroom and its participants endorse the concern of the research described in this locus from your own environment, observing and analyzing the cultural traits of group. Such analysis objects received treatment methodology based on ethnographic perspective, which considers the natural locus of action of informants - in this case, the classroom - and also the analysis of textual production collected - which, for this study, was used in the analysis of texts produced by the students. We emphasize that the body of data presented was chosen due to present substantial difference between prescribed work and real work.

**Key-words:** textual genres; chronic; didactization strategies; teaching strategies; training reader.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
1.1 - Gêneros textuais: perspectivas teóricas.....	13
1.2 - Crônica: definição do gênero.....	19
1.3 - A crônica no Brasil.....	23
1.4 - A crônica como gênero literário na formação do aluno reflexivo.....	25
1.5 - O papel do gênero crônica na formação do leitor do ensino médio.....	27
<b>CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EXPERIENCIAÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA.....</b>	<b>30</b>
2.1 - O Projeto Crônicas Reflexivas na Escola: Um incentivo a leitura e a produção de textos.....	30
2.2 - Um olhar sobre o gênero textual crônica como estratégia de ensino na formação leitora de alunos do 1º ano .....	33
2.3 - Contextualização do processo ensino-aprendizagem de alunos do 1º ano utilizando o gênero textual crônica: um exercício para a produção .....	36
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS COLETADOS.....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## Introdução.

Leitura e produção textual são fatores que tem apresentado muitas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem das escolas públicas, o que se tem ainda analisado em pequenas produções feita por alunos, são geralmente as questões referentes às regras gramáticas e uso padrão da linguagem. Talvez esse problema seja consequência da metodologia inadequada para a prática de leitura e produção, que se produzem a partir de conteúdos distorcidos da realidade da classe e que dificulta o seu processo de aquisição, compreensão e produção de conhecimento.

A escolha metodológica possui uma base qualitativa e interpretativa, a qual, tendo em vista o envolvimento com a sala de aula e seus participantes, endossa a preocupação da pesquisa em descrever tal *lócus* a partir do seu ambiente próprio, observando e analisando os traços culturais do grupo. Tais objetos de análise receberam tratamento metodológico baseado numa perspectiva etnográfica, que considera o *lócus* natural de atuação dos informantes – neste caso, a sala de aula – e também a análise da produção textual coletada.

Devemos considerar que o trabalho com crônica tem por objetivo incentivar o aluno a finalidade do processo de aquisição, que é a análise, compreensão e produção de textos criativos, por isso é importante ressaltar a importância de um bom incentivo à leitura para que haja a finalização do processo de aquisição de conhecimento, uma vez que o ato da leitura institui muito mais do que uma simples decodificação das palavras ou interpretações superficiais. É mister que haja e que se faça as devidas inferências para que o texto seja, de fato, compreendido. Assim, é que a leitura adequada sobrevém. Ela abre as possibilidades para a escrita, a partir da multiplicidade de conhecimentos adquiridos pelo leitor; e a crônica pode colaborar para isso, pois é um gênero que abrolha em vários suportes textuais, a exemplo dos jornais, revistas, internet, entre outros, e até no rádio e na televisão. De tal modo, a crônica chega facilmente às pessoas, despertando nelas o interesse pelo texto escrito.

No entanto, o trabalho ate-se principalmente em analisar as crônicas produzidas pelos alunos do 1º ano do ensino médio da EEEFM Prof. Bernardino Pereira de Barros utilizando um modelo avaliativo que propõem uma melhor retificação progressiva do processo de ensino e aprendizagem. O que se evidencia

pelas análises realizadas e pelo levantamento das facilidades e dificuldades que os alunos apresentaram em relação à produção de suas próprias crônicas.

Antes da análise das crônicas produzidas é necessário informar aqui, que o presente trabalho se estruturará da seguinte forma: - o primeiro capítulo obedecerá ao seguinte título Fundamentação Teórica. Neste farei uma abordagem dos principais teóricos que abordam questões relacionadas aos gêneros textuais e as práticas de ensino, entre eles destacam-se Luís Antônio Marcuschi, Sheneuly e Dolz, Bakhtin, Ingedore Koch e outros que podem ser eventualmente citados no decorrer deste trabalho. A partir dessa visão teórica, vamos observar as relações com as práticas produzidas pelos alunos do 1º ano do ensino médio da EEEFM Prof. Bernardino Pereira de Barros e verificar os possíveis resultados desta análise.

Outro ponto importante a ser ressaltado durante o percurso do trabalho trata-se dos Gêneros Textuais: perspectivas teóricas ressaltada no primeiro subtópico. Na sequência enfatizamos o subtópico com o título Crônica: definição do gênero, entre outros pontos abordados; a Crônica no Brasil; a Crônica como gênero literário na formação do aluno reflexivo e; o papel do gênero crônica na formação do leitor do ensino médio. Com consideração do *Gênero Crônica*, a história da *Crônica no Brasil*, e a *Crônica como Gênero Literário na formação do aluno reflexivo*, assim observaremos a evolução desse gênero e sua importância nos processos comunicativos tanto no meio escolar quanto no meio social. Observaremos também, a crônica como um gênero literário cada vez mais visível no sistema de formação leitora, constituindo uma nova ponte de relação entre leitura, compreensão e produção. Teoricamente, será abordado dentre os inúmeros gêneros literários a sua importância e seu diferencial didático no processo de construção de novos leitores.

No capítulo seguinte tratarei das considerações acerca da Experienciação do Gênero Crônica; o Projeto Crônicas Reflexivas na Escola: um incentivo a leitura e a produção de textos; um olhar sobre o gênero textual Crônica como estratégia de ensino na formação leitora de alunos do 1º ano e por fim, contextualização do processo ensino-aprendizagem de alunos do 1º ano utilizando o gênero textual crônica: um exercício para a produção.

Finalmente, o terceiro capítulo com o título Análise Interpretativa dos Dados Coletados, o qual tratará do foco do trabalho, que é a contextualização do gênero Crônica e análise das crônicas produzidas pelos alunos. Este constitui o objeto principal do trabalho, uma vez que busca verificar se os reais objetivos da pesquisa

foram atingidos, quais foram os pontos positivos e negativos e quais as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos. Assim, este último ponto fará a análise dos textos utilizando das produções dos alunos e relacionando com os fundamentos teóricos do gênero e com os objetivos do trabalho, visando assim, a progressão do processo de ensino a aprendizagem, e, sobretudo a formação de leitores partindo dos resultados da produção como o sinal do objetivo real da leitura, que é a compreensão e interpretação do texto lido transparecido em produções significativas e com relação de sentido. Dessa forma, concluiremos com os resultados prováveis da pesquisa, como utilizar a Crônica e sua importância no processo da formação leitora, partindo de provas cabíveis aos atos educacionais, ressaltando também a importância da contextualização do gênero para cada meio de aplicação.

## CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 - Gêneros textuais: perspectivas teóricas

Abordar gêneros textuais é, antes de tudo, arrazoar do sujeito construtor do texto e das circunstâncias comunicacionais que envolvem essa construção. Em outras palavras, o gênero pode ser definido por seus aspectos sociocomunicativos e funcionais, segundo os quais, aparecerá a pluralidade textual expressa nos diferentes gêneros, que advém da necessidade de o sujeito se expressar atendendo a objetivos específicos, visando a um público determinado e limitado por uma singular situação comunicativa.

A alusão a gêneros textuais remete diretamente a textos orais ou escritos concretizados em eventos comunicativos. Essas entidades empíricas são as diferentes práticas discursivas que fazem parte de nossa vida nos diferentes âmbitos sociais que estamos inseridos, são textos definidos por sua composição, estilo e, principalmente por seus propósitos comunicativos, nascentes da união de forças históricas, sociais e culturais. Desse modo, remete-se aos pressupostos bakhtinianos, que apontam os gêneros textuais como componentes culturais e históricos, configurações repetitivas e expressivas de interagir em conjunto, que ordenam e estabilizam nossas relações na sociedade.

Bakhtin (1992), ao tratar dos três fatores constituintes do enunciado: conteúdo temático, construção composicional e estilo do enunciado; menciona o tratamento exaustivo do objeto, o querer dizer do locutor e assinala o terceiro, os gêneros do discurso, como o principal fator constituinte do mesmo. Para o autor, o querer dizer de cada locutor se efetua, sobretudo, pela escolha de um gênero do discurso. Assim, essa escolha é determinada em função da especificidade de um dado campo discursivo, tais como: tema e parceiros da interação. Igualmente, de acordo com autor supra (1992, p. 301):

para falar, utilizamos-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável de *estruturação de um todo*. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na *prática*, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente sua existência teórica.

Dessa forma, os gêneros textuais podem ser considerados a materialização das várias práticas sociais que permeiam a sociedade, articulados de tal forma que são imprescindíveis à vida em sociedade. Em síntese, os gêneros são a efetiva realização da linguagem oral ou escrita. Para Bazerman (2005, p.106), “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”. Assim, cada pessoa se torna apta a participar ativamente dentro dos espaços discursivos que se inserem, comunicando e compreendendo melhor as situações comunicativas. Bronckart (1996) salienta que os conhecimentos construídos sobre os gêneros estão sempre correlacionados às representações que temos sobre as situações sociais diversas em que atuamos. Sendo assim, o conhecimento sobre o funcionamento da linguagem em diferentes situações de comunicação é o que possibilita aos aprendizes o entendimento do texto como um construto social, que adquire legitimação na relação entre texto e contexto de produção e distribuição.

Luiz Antônio Marcuschi (2002), em seu texto *Gêneros textuais: definição e funcionalidade* expõe que:

Os gêneros são ideados como acontecimentos históricos intimamente atrelados à vida social e cultural dos sujeitos. São flexíveis, dinâmicos e surgem a partir das necessidades dos homens, das atividades socioculturais e das inovações tecnológicas.

Os gêneros, logo, podem ser individualizados conforme a atividade sociodiscursiva a que servem. Quando conhecemos um gênero, conhecemos uma forma de realizar, linguisticamente, objetivos específicos em situações particulares (MARCUSCHI, 2002). Prontamente, o conhecimento sobre os diferentes gêneros textuais é uma ferramenta imprescindível de socialização para a inclusão funcional dos indivíduos nas atividades sociais, as quais estão insertos.

No século passado, sobretudo, a partir dos estudos de Bakhtin (1997; 2002), o conhecimento de gênero se dilatou para todos os textos que cingiam em nossa sociedade. Não apenas os textos mais conceituados da esfera literária, como o poema, o romance e o conto, por exemplo, mas também o artigo científico, a notícia, a reportagem, a charge, entre muitos outros, apresentam determinados atributos,

relativamente estáveis, que nos permitem identificá-los como pertencentes a um gênero específico que circulava nos mais diversos campos da atividade humana.

Por esse viés já dizia Bronckart (1999, p.113) “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, dessa forma o gênero se define nos mais diversos campos práticos já existentes e nos que surgem com as inovações tecnológicas e comunicativas, pois segundo Marcuschi (p.30) “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”.

Bronckart (1996, p.103) assinala que a apropriação dos gêneros é um processo fundamental de socialização para a inclusão funcional dos indivíduos nas atividades comunicativas, uma vez que é por meio desse processo de apropriação que os indivíduos se tornam capazes de refletirem e agirem produtivamente e positivamente na sociedade. Em todas as esferas de campo comunicacional, o gênero se torna parte constituinte das práticas humanas, porém é cada situação que determina o tipo de gênero, suas características temáticas, composicionais e estilísticas próprias que variam de acordo com a situação comunicativa, desde um diálogo informal do cotidiano a textos acadêmicos.

Na reminiscência crítica literária, sucessora de concepção oriunda da Antiguidade, a noção de gênero foi concebida de acordo com os critérios de composição, forma e conteúdo, como elementos distintivos, observando-se critérios que remetiam os gêneros a distintas percepções da realidade, funcionando, pois, como representantes de períodos históricos, identificados a partir das estruturas dos textos e da sua organização enunciativa. Todavia, nos estudos linguísticos da primeira metade do século XX, admitindo uma perspectiva funcionalista, a classificação de gênero está vinculada ao ato comunicativo, em direção ao qual ele era orientado. Já numa perspectiva enunciativa, desenvolveram-se análises para descrição dos gêneros, observando-se suas marcas formais e recorrentes. A oposição entre tipos e gêneros, em uma perspectiva textual, está centrada no fato de que aquele apresenta, em sua composição, características de natureza linguística e formal, e este se distingue pelas suas características sociocomunicativas e discursivas, tornando implícito aí o estilo, o conteúdo e a funcionalidade, além da composição típica.

Para a perspectiva interacionista, compreendem-se os gêneros como subordinados da interação verbal, classificando-os primários e secundários; enquanto aqueles seriam espontâneos, naturais, cotidianos, estes seriam institucionalizados, construídos de forma mais organizada, originados dos primários. Nessa mesma visão, há quem compreenda os gêneros secundários como constituintes, por terem o desígnio de determinar os valores de certo domínio de produção discursiva, como sendo situacionais e dependentes das organizações dos falantes durante o ato comunicativo.

Bakhtin (1953-1979) mostra que com o desenvolvimento sócio histórico de situações mais intrincadas de produção dos discursos e de novas esferas de comunicação social (escola, universidade, imprensa, mídias eletrônicas), estas relações entre os gêneros primários e secundários e entre a palavra falada e escrita foram se tornando cada vez mais complexas, pois o que se observa dentre as diversas formas de produção tanto escrita quanto oral é a mistura de formas composicionais antes comuns e característicos de apenas um modo de produção, como por exemplo, a informalidade da língua falada, agora apresentada também de forma escrita, quando se trata de gêneros que apresentam léxicos informais em sua composição gráfica. As crônicas são gêneros que se aproximam da língua falada, e que estão bastante intrincadas nos novos modos processuais de ensino e aprendizagem, pois a aproximação com o cotidiano e com a cultura do aluno proporciona maior desenvolvimento da aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos.

Dentro dessas abordagens teóricas referentes aos gêneros textuais, podemos citar aqui Swales (1990, p.33), e diz que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”, nesse sentido, observamos a versatilidade dos gêneros e sua importância quanto para produção quanto para compreensão, por isso um maior conhecimento referente aos gêneros é imprescindível para uma boa abordagem no meio escolar.

Dentro dessa abordagem e desses estudos relacionados aos gêneros, não podemos deixar de colocar aqui uma postulação teórica de Luís Antônio Marcuchi *apud* Elizabeth Gulich (1986, p. 34) ressalva:

As situações e os contextos em que os falantes e os escritores designam os gêneros textuais são em geral aqueles em que parece relevante designá-los para chamar a atenção sobre determinadas regras vigentes no caso. É assim que ouvimos pessoas dizendo “nessa reunião não cabe uma piada, mas deixem que eu conte uma para descontrair um pouco”. Ou então ouvimos alguém dizer. “Fulano não desconfia e discursa até na hora de tomar uma cerveja”. Por outro lado, notamos que há casos institucionalmente marcados que exigem, no início, a designação do gênero de texto e a informação sobre suas regras de desenvolvimento. Este é o caso de uma tomada de depoimento na Justiça, em que o juiz lê as regras e expõem direitos e deveres do indivíduo.

Assim, o que podemos observar é adequação dos gêneros textuais, isso implica não somente na produção adequada do gênero textual, mas também do seu uso adequado a cada situação. O ensino escolar e as praticas de atividades textuais, favorecem aos alunos uma formação determinante para análises das diversidades dos gêneros e suas adequações tipológicas. Nesse sentido podemos destacar segundo Marcuschi (2002, p. 35) que:

No ensino de maneira geral, e em sala de aula de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite praticar a produção textual.

Os gêneros textuais segundo os PCN's de Língua Portuguesa estão fundamentados, sugerindo que o trabalho com a língua materna, no que se refere ao ensino de recursos expressivos da linguagem, tanto oral quanto escrita, desenvolva o conhecimento necessário para que os participantes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem saibam adaptar suas atividades linguísticas, com sucesso, aos eventos sociais comunicativos de que já participam e para participar de novos. O trabalho com a Língua Portuguesa, portanto, deve objetivar a expansão das várias possibilidades do uso da linguagem, em qualquer forma de concretização. A preferência dos PCNs como objeto de análise justifica-se pela sua importância na edificação de uma educação que objetiva qualidade. Assim, ao ser utilizado como suporte para orientar as práticas de ensino de língua materna, poderá contribuir para melhorar a educação dos estudantes em termos de desenvolvimento da linguagem e postura crítica, diminuindo a desigualdade social no contexto educacional e

consequentemente fora dele. Essas propostas foram também congregadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), expressadas da seguinte forma:

No processo de ensino aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio discursivo nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 32).

Ajuizando que os gêneros textuais são formas verbais orais e escritas que resultam de enunciados produzidos em sociedade e, no âmbito do ensino e aprendizagem de português, são vias de acesso ao letramento, propõe-se que no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sociocomunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Assim, a concepção de gênero diz respeito à forma, ao conteúdo, aos propósitos comunicativos e ao percurso social. O gênero textual reflete todo o processo social envolvido na comunicação que encerra. Em relação às práticas didático-pedagógicas de Língua Portuguesa precisa considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar nossos alunos proficientes leitores e produtores de textos.

O desafio dos docentes está em criar situações em sala de aula que permitem aos alunos a apropriação desta diversidade. Essa apropriação não pode estar limitada ao que os livros didáticos trazem, nem ao que oferecem como atividades é preciso que sejam promovidas atividades em que os alunos leiam textos nos respectivos suportes em que foram publicados. Além de sua carga sociocultural, historicamente construída, os gêneros textuais servem como ferramenta essencial na socialização do aluno. Muitas são as evidências de que o que se tem ensinado não é o gênero em si, mas o formato engessado restrito a uma estrutura fixa de como é o gênero. Ao invés de se trabalhar com a diversidade de possibilidades de um único gênero, por exemplo, como é um editorial em suas várias possibilidades sociointerativas, se tem focalizado o que é superficial e, quando muito, tem-se explorado algumas sequências mais comuns desse gênero. O aluno deveria ser capaz de depreender que os gêneros textuais estão relacionados a certas funções

sociais, densamente ligadas. É adequado aludir que os gêneros textuais desempenharam papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, suscitando curiosidade dos alunos, até mesmo porque os discentes sabiam da existência desses gêneros, mas não tinham tido oportunidade de estudá-los, analisá-los e compreendê-los, sequer de usá-los. É ainda, importante frisar que mais do que ler e escrever, o aluno do ensino médio necessita desenvolver habilidades que o tornem cidadão letrado, não marginalizado pela sociedade. Portanto, um dos maiores desafios do professor de língua materna é romper com os limites que restringem o ensino de Língua Portuguesa à mera reprodução de regras gramaticais extras contextuais.

## 1.2 - Crônica: definição do gênero

*A crônica não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus', - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.*

Antônio Candido (1980, p. 5)

Sabemos que, etimologicamente a palavra *crônica* está atrelada ao termo *chronos*, palavra grega que assinalava o tempo linearmente concebido. Pela via etimológica a crônica, em sua primeira definição adota a função de registro dos fatos cotidianos, acontecimentos capazes de representar ou até mesmo datar determinada realidade social. Esse papel de notar os fatos alcança o seu ápice nas crônicas medievais em que a organização dos acontecimentos era realizada através de sua sequência temporal. “No início da era cristã, chamava-se crônica a uma relação de acontecimentos organizados cronologicamente, sem nenhuma participação interpretativa do cronista.” (SOARES, 2002, p. 64).

Antônio Candido (1992), respeitável estudioso do gênero, colabora para este estudo e sugere uma classificação para o gênero, apontando quatro tipos de crônicas:

- a) Crônica diálogo: conversa do cronista com seu interlocutor imaginário ou uma conversa entre os personagens criados pelo autor;
- b) Crônica narrativa: aproxima-se do conto, apresentada em histórias curtas, diálogos ágeis, de final imprevisto e surpreendente, possui unidade de ação, tempo e espaço. Personagem e situações ficcionais próprias do gênero narrativo são uma verdade constante do gênero;
- c) Crônica de exposição poética: é a divagação, de forma lírica, sobre um fato ou personagem;
- d) Crônica biográfica lírica: narra, de forma poética, a vida de alguém. Esta é uma forma de os autores prestarem reverência a seus colegas.

De acordo com alguns historiadores e críticos literários, a Carta de Caminha pode ser considerada o marco inicial da Crônica no Brasil, levando-se em conta que essa narrativa, enquanto relato histórico possui características próprias da Crônica. Outros cronistas portugueses além de Caminha noticiaram aos europeus o aspecto exótico e as possibilidades de exploração das terras brasileiras. Destacam-se, entre eles, Pero Lopes de Souza, Pero de Magalhães Gândavo e Gabriel Soares de Souza. Em equivalência à crônica narrativa dos aspectos gerais dos novos territórios, existe a crônica dos jesuítas, cujos precursores foram Manuel da Nóbrega, Fernão Cardim e José de Anchieta – missionários e religiosos que tinham como objetivo principal documentar os passos da catequese indígena. No sentido histórico da palavra, podemos designar como crônicas todos os textos produzidos por eles.

Na interação imperativa entre leitor e texto, por meio do diálogo entre capacidades cognitivas, sociais e interacionais, na relação mais estreita entre texto e contexto para a busca da constituição de sentidos de cada texto lido, a leitura de crônicas pode configurar-se como estratégia extremamente amoldada a uma metodologia do ensino de leitura. Tal ato pode envolver-nos, pelo prazer da leitura e proximidade com o gênero, o que nos permite expandir nosso universo de conhecimento, pois somos excitados à interpretação, e, assim, progredimos como leitores: extrapolamos a linearidade, rompemos com a paráfrase, incidimos às relações indispensáveis à leitura polissêmica. Aquela que de fato nos consente operar como leitores críticos; penetramos, enfim, à riqueza do mundo discursivo como acontecimento prático, social e cultural.

O gênero ora citado traz a realidade dos fatos abordados numa contemporaneidade por nós vivida e instiga, ao mesmo tempo, a procura da coerência do texto organizado, bem como a afirmação de uma interação social e, assim, realizamos uma leitura que se sustente numa análise do discurso entendida como ação social estável e também empregada na ordem e organização.

Originalmente a Crônica se restringia a relatos verídicos e nobres, pois se tratava da coletânea de fatos históricos, apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, como o dia-a-dia da corte, as histórias, os reis, seus atos, etc. Mais tarde, entretanto, grandes escritores, a partir do século XIX passam a cultivá-la, refletindo com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano, etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins. Contemporaneamente, no jornalismo, em coluna de periódicos, assinada, pode vir em forma de notícias, comentários, algumas vezes críticos e polêmicos, abordando temas ligados a atividades culturais (literatura, teatro, cinema, etc.), políticas, econômicas, de divulgação científica, desportivas, etc.. Atualmente também abrange o noticiário social e mundano. Conforme a esfera social que retrata, recebe o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, jornalística, etc.

Concernente ao estilo, gênero ora focalizado é um texto curto, breve, simples, de interlocução direta com o leitor, com marcas bem típicas da oralidade. Quando predominantemente narrativa, possui trama, quase sempre pouco definida, sem conflitos densos, personagens de pouca densidade psicológica, o que a diferencia do conto. Os motivos, na maior parte, extraem do cotidiano imediato. Além do tipo narrativo, também pode ser do tipo argumentativo ou expositivo, como textos de opinião sobre diversas áreas e temáticas.

A crônica é o único gênero literário lançado necessariamente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e predeterminada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. (...) É o fato miúdo: a notícia em que ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira. O tom, para Candido, é o de “uma conversa aparentemente banal”. (...) Originária dos folhetins publicados no início do jornalismo, em meio a manchetes, notícias, reportagens, editoriais, etc., é leve e rápida, construindo um lugar de familiaridade para a relação

enunciador/enunciatário, numa cenografia de conversa amena, diferentemente, por exemplo, do editorial (v.) que recupera os fatos midiáticos de maneira mais densa e formal.

Partindo da noção de que ler é uma atividade social, acreditamos que as estratégias cognitivas de leituras devam estar vinculadas a um gênero que desperte o leitor para essa prática. Neste sentido, compreende-se que a crônica possui todos os requisitos necessários para tornar a leitura em habito agradável, pois o gênero em questão aborda eixos temáticos relacionados à realidade social, política e cultural. Sua superestrutura enquadra-se em uma narração, um comentário de algum acontecimento, um desabafo pessoal do cronista ou até mesmo um protesto. Sendo assim, a crônica pode ter a forma de um poema, um ofício, uma carta, um anúncio, anedota e outros gêneros textuais. A linguagem utilizada pode ser padrão culto formal ou uma linguagem coloquial simples, suas narrativas ou comentários são em sua maioria breves e curtas, é um estilo que traz abordagens reflexivas, subjetivas e comunicativas são fatos que por muitas vezes acompanham nossas sociedades ou ate mesmo algo que naturalmente acontece com muitas pessoas.

É notório observamos que muitas crônicas chamam atenção de seus leitores pelo simples fato de que muitos deles se identificam com que estão lendo, isso é o que a torna mais próxima de todo tipo de leitor e de praticamente todas as faixas etárias. Além, das características que já foram anteriormente citadas, a Crônica possui uma a qual considero de maior relevância que é o censo crítico que ela pode despertar em seus leitores, uma vez que os fatos apresentados são incrementados com certo tom de ironia e bom humor, fazendo com que as pessoas vejam por outra ótica aquilo que parece obvio demais para ser observado. Isso com certeza chamam a atenção do leitor, sensibilizando-o para um novo olhar a cerca dos fatos, esse tipo de crônica pode ser caracterizada como argumentativa, pois sempre traz opiniões que quase sempre tem tom de protestos, nela é dispensado o uso da narração, é possível também que estas percam elementos típicos do gênero como: personagens, tempo e espaço. Para Arriguci (1999, p. 06) esse gênero é feito com “... vocabulário escolhido a dedo para o lugar exato uma frase em geral curta, uma sintaxe mais leve e flexível, que toma a liberdade e cadencias da língua coloquial, propiciando um ritmo de soltura sem par na literatura brasileira contemporânea.”. Assim, acreditamos que o gênero textual crônica pode sensibilizar as pessoas

despertando-as para o hábito da leitura, já que este envolve o indivíduo fazendo-o interagir e intervir diante dos acontecimentos.

Além do que, no caso de se tomar o gênero crônica como objeto de ensino em situação de formação continuada, também valemo-nos da contribuição de alguns trabalhos acadêmicos ancorados em teorias linguísticas, discursivas/enunciativas e literárias que tematizam sobre a crônica. Nesse sentido, observamos que há teóricos que consideram a crônica como um gênero jornalístico, outros, um gênero literário. No caso deste trabalho, por considerarmos que, na maioria das vezes, ela nasce no jornalismo, somos levados a refletir sobre alguns aspectos dessa esfera comunicativa. A crônica registra o circunstancial, os acontecimentos do cotidiano, discute os temas do dia. Dos mais simples, os quais poderiam passar despercebidos, aos mais graves e polêmicos, como os que envolvem a política e a economia do país. E o faz de forma bem descontraída, ao sabor de uma conversa com o leitor. Sua função não é informar, mas entreter o leitor e fazê-lo refletir sobre a vida e sobre nossas atitudes. É assim desde suas origens, a fim de aliviar o leitor do peso das notícias e das reportagens veiculadas nas páginas do jornal. Os temas que ela aborda são tratados com graça e leveza. O cronista se utiliza do humor e da ironia, características marcantes do gênero. Para dar esse grau de leveza, o cronista se vale de uma linguagem mais simples, menos monitorada em alguns casos, distanciando-se um pouco da formalidade de gêneros jornalísticos como os editoriais e as reportagens, entre outros. Muitas vezes, o autor traz para o texto marcas da oralidade, como frases ouvidas na rua ou empregadas como bordões por certos personagens da televisão, ditados populares, expressões típicas da fala, gírias. Em outras palavras, podemos dizer que ele adota um estilo coloquial de linguagem.

Sinteticamente, pode-se reafirmar que a crônica é um texto exemplar para iniciar o estudante nos estudos de língua materna e gêneros discursivos, servindo como meio para que o professor possa trabalhar as duas modalidades da língua, suas semelhanças e diferenças, bem como suas condições de produção.

### **1.3 - A Crônica no Brasil**

Se a Crônica tem hoje uma representação difundida no Brasil, estando acessível e com significado inteligível a grande parte da população – basicamente,

como um texto leve, não raro permeado por humor, sempre vinculado às páginas de jornal ou de revista –, isso se deve à mutação do gênero ao longo da História, tendo adquirido particular significado em nosso país. O primeiro grande expoente da crônica para ganhar autonomia própria, firmando-se como gênero autônomo e de sabor nacional, foi aquele que é considerado até hoje nosso maior escritor: Machado de Assis. O autor de *Dom Casmurro* pode ser tomado como o mais hábil cronista de uma época em que a crônica deixa de representar apenas “relato histórico” – o significado do termo que, aliás, permanece sendo o único em outras línguas que não o português – para passar a designar um gênero literário de prosa, ao qual menos influi o assunto, em geral passageiro, do que as qualidades de estilo, a variedade na apreciação, a graça na apreciação de fatos miúdos e sem importância.

Outro cronista importante da era pré-moderna da crônica brasileira, na virada do século XX, foi Paulo Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio. Com o escritor, o gênero ganha definitiva aparência literária. Assim como seus predecessores, comenta o cotidiano com leveza e humor, mas inova ao construir uma linguagem para os folhetins retirada de seu amplo poder observador: com a mesma familiaridade, desde a alta sociedade até os redutos da malandragem carioca são retratados. As décadas de 50 e 60 do século XX foram o apogeu para a crônica nacional. Revistas e jornais da época tinham sempre seu cronista, com algumas publicações tendo uma verdadeira equipe de jornalistas dedicados ao gênero – notadamente a *Manchete* e o *Jornal do Brasil*. O auge da crônica no Brasil neste período combina a época mais produtiva dos escritores já experientes (Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Raquel de Queiroz) com o surgimento de novos valores que incrementaram ainda mais o gênero.

A crônica brasileira empreende uma linguagem lírica, irônica, ocasional, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo. História o circunstancial e o transitório; o real é recriado com engenho e arte. Aperfeiçoa a função poética da linguagem, estampa leveza ao discurso, revela e aquilata, na visão do autor, a crítica de um momento histórico, atenuando o vínculo de temporalidade que eterniza o texto. A crônica, por possuir uma linguagem que se aproxima do modo de ser mais natural das pessoas, age como uma quebra monumental e dá ênfase aos fatos, apresentando uma singularidade insuspeitável. Estende-se, notadamente, às outras formas literárias, tais como livros, revistas,

telejornais, entre outros, podendo-se afirmar que é apreciada por ilustres e consagrados escritores.

A crônica de cunho nacional se conjectura que ocorre uma espécie de fusão de dois tipos de textos: o ensaio, do qual retoma certo desprezo pelo rigor acadêmico, levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados, e o folhetim de onde absorve a dimensão ficcional dos eventos e temas descritos por esta forma literária. Essa miscigenação demonstra a identidade da crônica brasileira como espaço heterogêneo. Dessa forma, um dos principais momentos do percurso da crônica refere-se ao alastramento do jornal, a partir da segunda metade do século XIX, quando ocorre a abertura de espaço para a publicação de textos curtos. É desse movimento que se afirma no Brasil a publicação de contos traduzidos e o folhetim compreendido em suas acepções mais correntes, tanto como romance em capítulos quanto como crônica. Outro momento importante dessa trajetória merece destaque: o papel desempenhado por alguns escritores no trabalho de promoção da crônica à arte literária. Representantes como: José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, França Júnior, Machado de Assis, Raul Pompéia, Júlia Lopes de Almeida, João do Rio, Lima Barreto, entre outros, figuram na lista daqueles escritores que passaram a desenvolver o aprendizado da crônica, cada vez mais preocupados em alcançar uma estatura poética quando do registro jornalístico dos fatos que distinguiram sua era.

Nesse panorama, pode-se sugerir que a crônica da segunda metade do século XX apresenta mudanças no que se refere principalmente à atitude do leitor diante do texto, já que a reunião em antologias possibilita a leitura de diversas crônicas de um mesmo autor (ou até de autores diferentes, quando da reunião de diversos cronistas em uma mesma obra), levando a uma maior exclusividade na leitura. A partir desse momento, a crônica não disputa mais espaço com as notícias do jornal devido à ampliação de seu espaço de divulgação, através do maior número de publicações em forma de livro.

#### **1.4 - A Crônica como gênero literário na formação do aluno reflexivo**

O texto a ser compreendido ora tem sido focado em seu próprio construto, tendência forte na área da Linguística de texto, ora na dependência daquilo que o

leitor mobiliza para a construção do sentido, o que é bastante explorado nos estudos da cognição, tendo se esmaecido a visão atenta apenas ao autor o ao que ele coloca no texto. Percebe-se, contemporaneamente, uma força teórica na tríade autor-texto-leitor, dando-se relevo ao dinamismo do processo de construção e reconstrução do texto, deixando-se de considerá-lo como artefato inerte, para ser visto nas suas possibilidades de compreensão, condicionadas pelas relações entre os elementos da tríade situados em contextos sociais que participam de modo quase que incontornável do processo de compreensão. Sendo os diversos gêneros textuais resultantes do modo como os usuários da língua efetivam suas comunicações, se tornam então instrumentos influentes para que os leitores construam antecipações e adotem estratégias para a compreensão do que leem. Em decorrência, em contexto didático, focar o gênero do texto nas orientações dadas ao leitor é de extrema importância para que, num processo interativo, ele mobilize o que já sabe e incremente o saber acerca daquilo que é da ordem do repetível no gênero aqui estudado.

O indivíduo mantém relação com o mundo social por meio de sua percepção. Esta passa a ser o seu conhecimento, amálgama dialética entre a realidade social e sua subjetividade. A transmissão do conhecimento, ou seja, a realidade da vida cotidiana se faz por intermédio das linguagens criadas para a objetivação e a interação direta, face a face. Outro aspecto, trata da interiorização da realidade em que o indivíduo percebe, interpreta, questiona e argumenta sobre uma situação. Neste caso, ocorre a assimilação da realidade conforme sua interpretação, devido suas idiossincrasias. Na realidade, a interiorização é produto do universo simbólico que reflete como em um espelho o que está projetado na sociedade. Aquilo que as pessoas pensam ser sua identidade subjetiva se trata na verdade, do processo relacional com o mundo objetivado.

O fundamental na crônica é o prosaico como insumo da criação literária. Por isso, apresenta-se como um dos vetores do ensino da língua materna por meio dos discursos e das linguagens do cotidiano. Todavia, o estudo dos gêneros discursivos possibilita um trabalho produtivo, em que se considera a língua como interação. O objetivo é trabalhar o gênero discursivo crônica considerando as funções de suas linguagens em práticas de leitura e produção textual em sala de aula. Desse modo, incorporar no currículo escolar o estudo do gênero crônica, para o conhecimento das linguagens e valores subjacentes, bem como dos discursos que se manifestam

nesses gêneros textuais e sua importância para o aprendizado da língua materna. A legitimidade de um projeto voltado para a crônica se deve ao fato do educando poder observar, ponderar sobre o seu espaço físico e social.

A partir de suas deduções, é possível então desenvolver competências e habilidades de formular hipóteses sobre outros assuntos que indiretamente afetam sua vida e pertencem de certo modo as formações discursivas instauradas pelos meios de comunicação e pelas mídias digitais. É necessário, não apenas distinguir a tessitura das características propriamente intrínsecas, inerentes à produção, e de certa forma cristalizadas na mente do autor.

A crônica possui como princípio básico registrar o circunstancial, e lançar mão de uma linguagem próxima de seu público estabelecendo o diálogo interativo cronista/leitor. Tal dialogismo permite um equilíbrio entre o coloquial e o literário. Todos esses componentes avessos, cruciais na formação dos jovens com idade escolar, podem ser minimizados por intermédio de um projeto literário que respeite e prestigie o espaço e as comunidades locais.

### **1.5 - O papel do gênero Crônica na formação do leitor no ensino médio**

A partir desse ponto, analisamos o lugar que o gênero Crônica ocupa na escola, com especial destaque ao seu amplo uso no ensino médio. A diferença como a crônica se efetiva dentro e fora dos muros escolares se dá em relação ao próprio suporte, já que ele sai de jornais para entrar no livro didático. Zilberman expõe que o conceito de literatura no interior de materiais escolares “isola uma parte – o texto – do todo, o livro, produto material que congrega autor e obra, sociedade e mundo representado, cultura e economia” (2003, p. 258). Separar a parte do todo é uma das limitações impostas pelo livro didático a todos os textos que o integram, mas há uma especificidade em relação à crônica. Diferentemente de outros gêneros primordialmente veiculados em livros, a crônica encontra, em alguns casos, apenas no meio escolar a possibilidade de permanecer em um suporte mais estável, não estando mais condicionada a acompanhar a fugacidade das notícias, tornando-se material a ser reciclado no dia subsequente.

A dessemelhança que marca o gênero é bastante explorada no ensino fundamental. Nos livros selecionados pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático),

é fácil notar que as crônicas representam textos de bastante aceitação, principalmente por sua linguagem de fácil compreensão, com recursos humorísticos, e temas afins ao interesse e realidade dos alunos. Esses traços fazem com que a crônica seja uma excelente “porta de entrada” para o trabalho com outros textos, pois ela conta com a vantagem de ser, tamanho potencial, que poderia ser mais utilizado também no ensino médio, acaba, por vezes, barrado pelo questionamento do estatuto literário da crônica, a qual perde espaço para formas mais canônicas, como a poesia, o conto e o romance. Consideramos a importância de trabalhar a leitura e a produção de crônicas também no ensino médio, mesmo que se tome esse espaço como prioritário ao ensino da chamada alta literatura, afinal, o contato com diversos textos é um bom caminho, inclusive, para discutir o que é literatura.

Ao abreviar o papel da crônica no ensino médio, perde-se também a possibilidade de explorar um potencial pedagógico que está diretamente relacionado a uma característica fundamental do gênero: sua estreita ligação com seu tempo e espaço. Essa característica permitiria que, mesmo não querendo tornar a crônica central no estudo da literatura, ela pudesse ser usada de modo a possibilitar uma compreensão mais ampla do próprio cânone, sem que isso implique em fuga da leitura dos textos. Como se sabe, apesar de ser reforçada a necessidade de colocar o texto no centro de um estudo da literatura, ainda é comum que ele seja um mero exemplo em muitos livros didáticos. Após uma apresentação do momento histórico e da vida do autor, surgem alguns excertos ilustrativos do que foi mostrado anteriormente.

Essa atitude sugerida da Crônica não implica em ela se tornar mero pretexto para uma análise do momento histórico, de forma semelhante ao que tanto se critica quando um texto é usado apenas para a retirada de exercícios gramaticais. A diferença se dá fundamentalmente pelo fato, já indicado, de que as informações sobre tempo e espaço constituem o gênero, de modo que usá-lo com a intenção de conhecer um determinado contexto histórico não configura uma deturpação da finalidade da crônica. Observamos, por fim, outro objetivo educacional que legitima o uso da crônica no ensino médio: a formação de leitores. A crônica, ponderada como texto de grande circulação, é mais facilmente aceita pelos estudantes, que se identificam com sua linguagem e temática, ambas bastante próximas de sua experiência. Isso, por certo, não nega o fundamental papel da escola de permitir que os alunos conheçam os bens culturais a que eles possivelmente não teriam acesso

sem ela. Trata-se apenas do reforço e valorização do potencial existente em textos que, de princípio, já não são enfrentados com barreiras pelos estudantes. As obras literárias, por estarem bastante distanciadas da experiência dos estudantes, prescindem de diversos comentários sóciohistóricos sobre elas, o que leva a uma situação de ensino criticada mesmo nos documentos oficiais da área de linguagem:

Constata-se, de maneira geral, na passagem do ensino fundamental para o ensino médio, um declínio da experiência de leitura de textos ficcionais, seja de livros da Literatura infanto-juvenil, seja de alguns poucos autores representativos da Literatura brasileira selecionados, que aos poucos cede lugar à história da Literatura e seus estilos. Percebe-se que a Literatura assim focalizada – o que se verifica sobretudo em grande parte dos manuais didáticos do ensino médio – prescinde da experiência plena de leitura do texto literário pelo leitor. (BRASIL, 2006, p.63)

O ensino médio imprime a equivocada mensagem de que formar-se como leitor, aquele que continuará com interesse pelos livros mesmo após o término da escola, é tarefa de menor importância e dificuldade quando comparada à complexa tarefa de compreender a história literária.

A crônica, como um gênero coloquial, traz em si as marcas de uma disputa por poder em que quem perde, essencialmente, é o leitor. Caída no gosto popular, mas olhada com ressalvas pelos críticos literários, a crônica materializa um daqueles tipos de texto que, parece dizer ao leitor que o seu “gosto”, sua análise não tem legitimidade. Diante de circunstâncias como essa, é curioso que ainda haja surpresa com o fato de que a literatura está em crise apesar do crescimento do público leitor. Tal constatação deveria, antes de tudo, levar a um questionamento sobre o conceito de literatura em jogo, que parece negar a experiência dos leitores e as próprias práticas escolares.

## **CAPÍTULO 2 - CONSIDERAÇÕES A CERCA DA EXPERIENCIAÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA, ESTRATÉGIAS DE ENSINO E DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO.**

### **2.1- O Projeto Crônicas Reflexivas na Escola: um incentivo à leitura e à produção de textos**

A leitura e a produção textual são fatores que têm apresentado muitas dificuldades no processo de construção de sentido nas escolas públicas. O que se tem ainda analisado em pequenas produções feitas por alunos, são geralmente questões referentes às regras gramaticais e o uso padrão da linguagem. Talvez esse problema seja consequência de metodologias inadequadas para a prática de leitura e produção que se reproduzem a partir de conteúdos distorcidos da realidade da classe, o que dificulta o seu processo de aquisição, compreensão e produção de conhecimento.

Discorrendo por essa perspectiva é que surge o *Projeto Crônicas reflexivas na escola: um incentivo a leitura e a produção de textos*, neste sentido pretende-se trabalhar com crônicas, que possam dar liberdade para os alunos criarem textos que tratem de sua realidade. Nesta perspectiva, espera-se aguçar nos alunos o gosto e o prazer de ler e escrever, haja vista que as crônicas são geralmente textos narrativos curtos, que tratam de assuntos do cotidiano, trazem pessoas comuns como personagens e é organizado em torno de um único núcleo ou problema.

O referido projeto foi desenvolvido no período de 03 a 19 de junho de 2013, na EEEFM Bernardino Pereira de Barros localizado na Rua Magno de Araújo, Bairro Centro nº 1.485 cidade - Abaetetuba. O projeto de pesquisa focalizou as observações e análises sobre leitura e produção textual voltado para os alunos do 1º ano do ensino médio.

O embasamento teórico principiou com orientações discutidas por Isabel Solé (1998), os PCNs, (2000), além das referências citadas, consideremos outros autores que também tratam do assunto e serão citados como referência do trabalho. Na primeira etapa, realizamos a apresentação do gênero Crônica, pois neste objetivou-se especificar o gênero para se obter as primeiras impressões dos alunos a cerca desse gênero, dando continuidade falamos da importância de se trabalhar a partir dos gêneros textuais já que acreditamos que os estudos desenvolvidos a partir deles se faz eficiente. Segundo conceitos bakhtianos “os gêneros constituem formas

relativamente estáveis de enunciados determinados historicamente e disponíveis na cultura”. (PCNs. p.21). Diante dessa concepção entendemos que trabalhar com gêneros textuais favorece o entendimento de nossos alunos sem contar que o processo de aprendizagem se torna mais eficaz e prazeroso. Na ocasião apresentamos também aos discentes diferentes tipos de crônicas reflexivas, uma vez que esta constitui o foco de nosso projeto.

Após esse diagnóstico já na segunda etapa, a turma foi subdividida em três grupos a qual foram distribuídas três crônicas do autor Luiz Fernando Veríssimo. Neste momento solicitamos a leitura coletiva de todas as crônicas, seguida das leituras individuais. A partir desse processo foi visível as facilidades e dificuldades de alguns alunos com relação à leitura e como consequência dessa dificuldade a falha no processo de interpretação, pois nesta etapa tínhamos como objetivo fazer a reflexão a cerca das leituras realizadas.

De acordo com Solé, (1998, p. 24):

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

Neste sentido, compreendemos que a leitura é um dos fatores cruciais para a formação cidadã do indivíduo que vive em uma sociedade contemporânea que exige certo grau de letramento. Foi pensando nesta sociedade contemporânea exigente que escolhemos o gênero Crônica com intuito de incentivar os alunos e despertar neles, o gosto e o prazer pela leitura, uma vez que, o gênero ora focalizado é compreendido como gênero do cotidiano, com características sócio comunicativas definidas, constituindo uma prática social, discursiva e cognitiva e não um composto de aspectos estruturais fixamente determinados.

No decorrer do projeto mais precisamente na terceira etapa após tivemos diagnosticado as dificuldades dos alunos com relação ao processo de leitura e interpretação, tentamos através de um diálogo sensibiliza-los para a importância desse processo para nós cidadão nos dias atuais, pois, nessa etapa tínhamos com objetivo incentivar os alunos para a escrita das reflexões feitas na etapa anterior.

Para esse momento foi pedido aos alunos às interpretações na forma oral e escrita sobre as crônicas, procurando analisar a partir de então as dificuldades relacionadas à interpretação dos sentidos e que procedimentos devem ser tomados para tentar resolver tais dificuldades interpretativas, se for o caso.

Todavia, o que foi possível percebermos é que o discurso ou oralidade é uma questão não muito presente na prática do professor, mas que exige ser tratado com mais atenção já que o discurso pode obter caráter descritivo através de um texto e quando esse processo não é devidamente trabalhado o texto não é compreendido e conseqüentemente não há unidade significativa global. Dadas às referidas considerações desta etapa passamos ao processo de avaliação contínua e então se deu início a orientação para a produção final.

Após todos os procedimentos das etapas anteriores passamos para a quarta e última etapa do projeto a qual tinha objetivo a socialização das crônicas produzidas pelos alunos. Como produção final, após termos diagnosticados a dificuldade dos alunos foram realizadas as produções das crônicas dando subsídios para criatividade, neste momento os alunos produziram as suas crônicas a partir de temas livres, fatos do seu cotidiano ou até mesmo fatos fictícios, porém pedimos a eles que as produções feitas produzissem sentido e levassem a reflexão. Depois de concluídas as produções textuais, foram solicitadas que os alunos trocassem de textos com seus colegas e daí demos início a socialização e interpretação o qual após avaliações e considerações feitas pela professora regente e a professora orientadora do estágio se deu a culminância do projeto.

Diante de todo o exposto, compreendemos que o ensino da língua materna perpassa por situações delicadas, já que fica evidente que os alunos apresentam um baixo desempenho no que diz respeito à leitura e a produção de texto, por outro lado acreditamos que se houver a coletividade e todos trabalhassem em prol dessa necessidade conseguiremos de fato desenvolver nos discentes as competências e habilidades que a vida contemporânea exige dos cidadãos.

É imprescindível neste momento, sublinhar que a escola como instituição de ensino tem o papel de formar leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive. Neste sentido, o presente trabalho mostrou que os alunos, quando

motivados, podem desenvolver de forma autônoma atividades de oralidade, de leitura e de produção com criatividade e gosto.

As estratégias de compreensão e de interpretação representam a possibilidade de proporcionar meios de amadurecimento e autonomia para os leitores em formação, prioridade da prática pedagógica, embora consciente das dificuldades inerentes ao processo, mas certos da capacidade de transformação nela contida. Contudo, ainda se faz necessário um aprofundamento maior sobre o assunto. Por isso, a intenção deste projeto foi também motivar os profissionais da área a uma reflexão sobre as novas expectativas ao trabalho desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa.

## **2.2 - Um olhar sobre o gênero textual Crônica como estratégia de ensino na formação leitora de alunos do 1º ano do ensino médio**

Tendo em vista que vivemos atualmente em um mundo globalizado, onde a inter-relação e o posicionamento crítico são essenciais e indispensáveis para um bom desempenho nas mais variadas práticas sócias do cotidiano e tendo o indivíduo como principal alvo deste mundo se faz necessário que o mesmo esteja antenado a essas realidades e transformações e o professor deve por meio de suas práticas propiciar ao discente uma visão mais crítica dos fatos. É importante ainda ressaltar que, neste contexto de um mundo globalizado, a escola, como formadora de cidadãos, tem o papel de viabilizar fundamentalmente o exercício da cidadania, bem como promover uma aprendizagem e um ensino significativo, uma vez que entendemos que é também na escola que o aluno amplia e desenvolve habilidades de que fará uso nas suas práticas sociointeracionais.

No que concerne as propostas de ensino do gênero em questão, propriamente dizendo, tomemos as leituras coletivas e interpretativas mais uma opção para um trabalho específico com crônicas. Nesse tipo de atividade o professor daria aos estudantes liberdade para escolher os cronistas de sua preferência, com a finalidade de realizar uma leitura que unisse o prazer do contato com um texto simples, muitas vezes engraçado, sem deixar de lado a reflexão e a crítica social. Ademais, a partir da escolha de crônicas por parte dos alunos e da possível produção de textos do gênero, o professor poderia criar com o grupo discente, blogs, nos quais as crônicas seriam expostas. Tal proposta despertaria o interesse dos

alunos, pois veriam a valorização da sua criatividade e função social em suas produções.

Outra sugestão é a realização de encenações baseadas na leitura de crônicas. Nessa atividade, os próprios alunos criariam o texto para a representação teatral, transformando a crônica em texto dramático, os diálogos da encenação poderiam ainda ser a simples reprodução de diálogos presentes em muitas crônicas.

Nas discussões sobre o papel do professor no que concerne como devem ser desenvolvidas as habilidades de leitura com os discentes destacamos que, durante muito tempo acreditou-se numa prática fundamentada na repetição de exercício, os conteúdos desinteressantes e o tom autoritário da escola que não garantem necessariamente a aprendizagem da leitura até mesmo da interpretação de texto.

Atualmente observamos que as atividades que quebram a rotina da sala de aula é aquela que promove a construção do conhecimento, com isso acreditamos que o papel da escola na formação cidadão do sujeito destaca-se pela ampliação da competência do aluno para o exercício da fala, da leitura e de uma boa interpretação. Segundo Cagliari (2009, p. 133) o processo de leitura consiste em:

“[...]uma decifração e uma decodificação onde o leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que ler. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes a interpretação, se torna estereótipo e sem grande interesse. A leitura é uma atividade estritamente linguística e a linguagem se monta com a fusão de significados com significantes.”

As propostas de ensino que circulam hoje no ensino de língua materna, tanto orais quanto escritos, estão voltados para os gêneros. É preciso então, descrever a sua diversidade e apresentar sugestões didáticas referentes a cada gênero.

Para Marcuschi (2002) “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados a vida cultural e social.” Nesse sentido propomos um trabalho com o gênero crônica, exatamente por se tratar de temas do cotidiano, fenômenos comuns que podem ser transformados em textos atrativos e que favorecem a aprendizagem.

A superestrutura da crônica se enquadra na narração, pois “o que se quer é contar, apresentar os fatos, os acontecimentos”, Silva (1999) nos lembra de que “os modos enunciativos assumem uma função específica e variável na constituição do texto, em razão da finalidade comunicativa que este engloba, assim, as sequências narrativas se apresenta de formas distintas.”

A adoção dos gêneros do discurso: “permite que o professor possa ter parâmetros mais claros a cerca do que deve ensinar o que deve avaliar”, e por outro lado, “os alunos também podem ter uma maior clareza do que devem aprender” (Barbosa, 2000, p.155).

Bender e Laurito (1993) e também Martins (1980), afirmam que tal gênero encarrega-se da descrição de acontecimentos em ordem cronológica ou conforme a ordem dos tempos. Na Crônica procura-se esconder a complexidade pressentida sobre uma límpida naturalidade, por meio do disfarce numa suposta conversa sem rumo. Para o autor Arriguci (1999:6) isso é feito com “... vocabulário escolhido a dedo para o lugar exato, uma frase em geral curta;” uma sintaxe mais leve e flexível, que toma a liberdade e cadências da língua coloquial, propiciando um ritmo de soltura sem par na literatura brasileira contemporânea.

Na tentativa de demonstrar como é possível realizar um trabalho mais consciente com as crônicas que funcionam como ferramenta para colocar o educando na posição de leitor, tentaremos formar leitores que refletem a cerca dos fatos apresentados, além de utilizar marcas argumentativas que o colocam como sujeito integrado ao contexto social em que vive.

É conveniente ressaltar que, as menções até aqui expostas, se aplicadas no contexto do Ensino Fundamental, poderiam abrir espaço mais amplo para outros textos literários em sala de aula. Como a Literatura só é trabalhada enquanto disciplina no Ensino Médio, o que percebemos na prática é a exclusão de textos literários, os quais são trabalhados apenas como meio para o ensino gramatical. Sendo a crônica um texto curto, de fácil entendimento, provocador de diferentes visões sobre o dia a dia, apresenta-se como um ótimo recurso para o trabalho da literatura por si só, nessa etapa do ensino.

Nesta perspectiva, se espera aguçar nos alunos o gosto e o prazer de ler, haja vista que as crônicas são geralmente textos narrativos curtos, que tratam de assuntos do cotidiano; trazem pessoas comuns como personagens e organizado em torno de um único núcleo ou problema, tendo como objetivo envolver e emocionar o

leitor. Deste modo devemos considerar que o trabalho com crônicas tem por objetivo levar o aluno a finalidade do processo de aquisição, que é análise, compreensão e a produção dos textos, por isso, o incentivo a esse trabalho facilitara esse processo aplicando assim, textos que tenham cunho interdisciplinar.

### **2.3 - Contextualização do processo ensino-aprendizagem de alunos do 1º ano utilizando o gênero textual Crônica: um exercício para a produção**

Nesta seção, alguns movimentos foram de grande relevância para a continuidade deste trabalho. Primeiramente, problematizamos o termo didatização, buscando não apenas uma definição que nos oriente, mas também, num segundo momento, questionar como a didatização pode ser realizada no evento aula, a qual é constituída pelo o que é prescrito e regulado pelos agentes pedagógicos, em conjunto com as ações efetivamente realizadas pelos professores.

Para cumprirmos os objetivos desta seção, cumpre ressaltar o que não estamos dizendo, dada a proximidade entre dois termos: didática e didatização. Para Comenius (2001), um dos primeiros a refletir sobre didática ainda no século XVII, ela seria definida como “a arte de ensinar”. Já na visão de Libâneo (2002, p. 10), a didática “tem como objeto de estudo [...] os nexos e relações entre o ato de ensinar e o ato de aprender”. Notemos que, na primeira concepção, a didática é definida tão-somente pela habilidade do professor em ensinar algo, visão esta a qual já se adicionaram outras condições que preveem não apenas os métodos utilizados, mas as consequências de sua utilização para a aprendizagem do aluno. Por isso mesmo, na segunda, a didática estaria associada aos métodos de ensino, à organização das atividades e, portanto, às técnicas favoráveis à aprendizagem.

Já a didatização não trata somente de métodos ou formas organizativas da aula, tampouco de uma disciplina ou ciência que poderia ser entendida fora da sala de aula. Ela constitui tanto um processo mais amplo que está atrelado à rede de atividades que seleciona e assume posicionamentos sobre os objetos de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa – se definindo, então, na medida em que a regulação da rede a permite; como num processo que se organiza no interior da própria aula, por exemplo, por meio de atividades ou ações de construção do objeto a ser ensinado (da parte do professor) e a ser aprendido (da parte do aluno), ações que se desenrolam no curso da interação entre esses sujeitos.

Podemos afirmar, assim, que os processos didáticos não são os mesmos que os da didatização. Uma primeira diferença é que a didática diz respeito à relação professor-aluno e às estratégias metodológicas que poderão levar o sujeito a se apropriar de um saber; acontecendo, portanto, no espaço da sala de aula. Enquanto a didatização, embora leve em consideração os métodos, é dependente da rede de atividades que seleciona os objetos de ensino, atuando em sala de aula, ou ainda nas demais instâncias pedagógicas – como através dos documentos parametrizados. Com estes, sua dimensão é voltada para a escola; o que nem sempre é garantia de sua efetivação em sala de aula. Quando falamos de didatização, é importante esclarecer que não se trata, portanto, somente das estratégias lançadas pelo professor no decorrer das aulas, mas também das estratégias previstas pelos documentos parametrizados que ecoam, em larga medida, nos livros didáticos de português, influenciando, possivelmente, o fazer docente.

A didatização do gênero Crônica se dá com enfoque especial à estrutura do texto, atendo-se às suas características formais que podem ser de imediato, observadas. O ensino desse gênero parte, em abordagens pedagógicas habituais, da observação dos elementos que o compõem. No entanto essas características por si só são, muitas vezes, escassas para a construção do sentido, devido à complexidade, indeterminação e multiplicidade contextual. Não basta delinear as partes constitutivas de uma crônica, mas abranger sua funcionalidade que poderá, inclusive, ir além de o que costumeiramente é atribuído a esse gênero, congregando aspectos formais de outros gêneros, como os de contos maravilhosos, por exemplo, com objetivo definido. A percepção dessa funcionalidade pelo discente só será possível, se se partir de uma proposta pedagógica que considere seu domínio eficaz em ocasiões concretas de uso, o que se configura como desafio na formação do leitor em língua materna.

Destacamos como uma das muitas opções de estratégias de didatização do gênero examinado como: leituras coletivas e interpretativas seriam mais uma opção para um trabalho específico com crônicas; nesse tipo de atividade o professor daria aos estudantes liberdade para escolher os cronistas de sua preferência, com a finalidade de realizar uma leitura que unisse o prazer do contato com um texto simples, muitas vezes engraçado, sem deixar de lado a reflexão e a crítica social. Ademais, a partir da escolha de crônicas por parte dos alunos e da possível

produção de textos do gênero, o professor poderia criar com o grupo discente, blogs, nos quais as crônicas seriam expostas. Tal proposta despertaria o interesse dos alunos, pois veriam a valorização da sua criatividade e função social em suas produções.

O professor em associação à escola são bons intermediários das leituras literárias, uma vez que ambas influenciam nas escolhas de seus alunos. A escola, devido às exigências curriculares, e o professor devido às preferências de leitura enquanto leitor. Aprender a ler e a gostar de ler textos literários devem ser processos permanentes que não necessariamente se iniciam na escola, mas que podem e devem ser desenvolvidos no ambiente escolar.

No entanto, para instaurar no aluno o prazer da leitura literária, não seria preciso promover uma substituição dos textos lidos, mas uma mudança de olhar. Dessa maneira, operando com textos literários clássicos ou não, o professor pode atuar no sentido de promover alterações no olhar do leitor, cabendo-lhe um importante papel de substituir a prática de leitura monológica pela da compreensão ativa de bases dialógicas (BAKHTIN, 1997). Assim, atividades com textos literários em sala de aula devem priorizar a formação de leitores críticos, como sendo aquele que ultrapassa os limites das linhas e vão para as entrelinhas, questionando o quê, como e qual a natureza do objeto, assim como quais as pistas linguísticas deixadas pelo enunciador que levam à interpretação do texto e à atribuição de uma intencionalidade do autor literário que só se move com uma condição - a existência do leitor.

### CAPÍTULO 3 - ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS COLETADOS

O acervo coletado para constituição do *corpus* recobre um total de 13 produções (conforme anexo) dos informantes, mas esclarecemos aqui que, para efeito de uma demonstração da atividade analítica conferida ao *corpus*, foram selecionadas somente 04 produções textuais pautadas no gênero Crônica, as quais representarão a totalidade da produção coletada.

Avaliando a disposição interna global do gênero textual Crônica, pudemos notar que apresentam, em sua composição as seguintes características: título, texto e em nenhum caso, imagens. E quanto ao tipo de discurso, constatamos que se inscreve no discurso interativo dialogal. A análise de alguns aspectos linguístico-discursivos das crônicas analisadas, ligados ao universo semântico e temático, demonstra que há relativa presença de dêiticos de 1ª pessoa (em 20% das crônicas) e grande frequência (80%) de dêiticos de 3ª pessoa. A referência dêitica de pessoa, quando presente nos textos, faz remissão aos próprios personagens que participam da história, o que é percebido facilmente pelos leitores, pela ação dialogal. Também foi possível notar o grande uso de frases afirmativas exclamativas.

No que tange à coesão verbal, há a predominância nas ocorrências dos dados obtidos, o modo verbal afirmativo. Os tempos verbais em destaque se apresentam no passado, especialmente. Por fim, quanto às instâncias de enunciação (vozes), nas crônicas analisadas o enunciador/autor cede a voz ao narrador em 3º pessoa.

Ao enfocarmos analiticamente a dimensão verbal do gênero Crônica, temos como campo de análise a intersecção entre o material verbal e o social, instituindo o vínculo indissociável entre essas duas dimensões constitutivas do gênero. Do mesmo modo, à luz da análise explorada a respeito dos aspectos da dimensão social, focalizamos sua dimensão verbal, a fim de verificarmos como as relações dialógicas com os enunciados já ditos e os prefigurados – relações dialógicas em razão do interlocutor - colaboram na construção dos efeitos de sentidos das crônicas.

Analisamos que as crônicas apresentam temas relacionados às relações humanas instauradas nos mais diversos ambientes sociais, como, por exemplo, a relação entre pais e filhos, marido e mulher, etc. Refletindo sobre as relações dialógicas desse processo discursivo, podemos considerar que a emergência

dessas crônicas constitui uma reação-resposta a enunciados do discurso hegemônico (o já dito) instaurado em nossa sociedade que, em termos gerais, desvaloriza a humanização do Homem. De forma a contemplar a dupla orientação desse gênero, o cronista busca a reação-resposta ativa de seu interlocutor, construindo o seu acento de valor a partir da imagem de um leitor que ainda acredita em tal humanização.

Quanto à estrutura-composicional, o *corpus* como um todo apresentou maior diversidade em vários aspectos, pois identificamos crônicas tanto narrativas como de comentário. Nas narrativas, o cronista cria uma ficção, narrada, na maioria das vezes por um narrador de 3ª pessoa, sem predomínio do uso do diálogo (discurso direto). Já as crônicas denominadas aqui de comentário apresentam uma estrutura mais próxima de um relato, que funciona como pano de fundo para as reflexões explícitas do autor-enunciador, que utiliza a 1ª pessoa do plural ou do singular. Pensando sobre as relações dialógicas que o cronista mantém com os enunciados já ditos, no processo de construção de sua apreciação valorativa, consideramos, no geral, o predomínio de um movimento dialógico de distanciamento. Os cronistas apresentam uma apreciação valorativa negativa em relação ao enunciado já dito, reagindo ironicamente a esses enunciados (ver anexo B).

As relações dialógicas manifestam-se não só no conteúdo temático, mas também no plano estilístico-composicional, neste caso, como estratégia discursiva, não incide sobre apenas um dito dos autores-enunciadores, mas na criação de cenas, podendo perpassar por todo o enredo. Mas, também, percebemos a ironia como marca da “heterogeneidade discursiva mostrada”, que, segundo Maingueneau (1989, p. 98), “subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor” (ver anexo C). Tal recurso coloca em cena um discurso outro, outra voz que se faz presente no enunciado, expressando um discurso contrário ao do sujeito enunciador. Esta marca se materializou, nas crônicas selecionadas, por meio do uso das aspas, de operadores argumentativos. Não nos esquecendo de que a orientação para os enunciados já ditos e sua incorporação na crônica se realiza, sobretudo, em função do interlocutor, ressaltamos que o cronista constrói seu acento de valor, a partir de uma determinada imagem social de leitor/interlocutor. Assim, ele estabelece relações dialógicas com os enunciados prefigurados pelo leitor. Ao mobilizar o recurso discursivo dos relatos, o cronista conta com um leitor capaz de reconstruir na sua reação-resposta os aspectos implícitos que constituem o fundo

discursivo dialogizador da crônica, considerado de domínio do leitor.

No decurso deste estudo, foi bastante perceptível que no ensino de produção escrita, para muitos professores, tem sido um desafio trabalhar com a crônica por não conhecê-la ou não saber produzir, isso tem sido um obstáculo que impede, no trabalho de produção escrita, os alunos terem acesso a este gênero que de forma profunda nos faz refletir sobre a vida. A Crônica é um gênero situado entre o jornalismo e a literatura. Observando o ensino com gêneros textuais na escola, se constatou que a crônica é usada na sala de aula apenas nas atividades de leitura, interpretação e análise linguística, restringindo o aluno à realização de tarefas em que não exercitam a criação de textos, ou seja, não contribuem na formação de um aluno produtor proficiente, já que é o papel da escola.

A escrita, produzida na escola, não pode se desconectar dos modos de circulação social do texto. O texto circula na sociedade com diversas finalidades e para uma extensa variedade de leitores. É preciso levar os modos de produção de texto para o espaço da sala de aula de forma a capacitar os alunos para sua formação de leitor e produtor textual. A prática textual, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Se para o professor vem a decepção de ver textos mal redigidos, por outro existe a sensação de incapacidade que o aluno carrega como marca de sua incompetência textual. Se de fato os gêneros textuais formam o leitor de modo a capacitá-lo no reconhecimento de práticas discursivas, cabe ao professor ser um facilitador, um orientador no percurso discursivo textual.

Cabe aqui enfatizar que, as abordagens calcadas em estudos de gêneros textuais potencializam investigações para que a pesquisa e a prática pedagógica possam ir além das regularidades típicas dos gêneros, permitindo explorar também regularidades nas esferas sociais onde os gêneros são utilizados. A imensa diversidade de gêneros forma a língua e, sabemos que, gêneros não são entidades fixas, que permanecem estáticos, independentemente do tempo e das mudanças ocorridas na sociedade. Sabemos que, ao contrário de serem estáticos, há gêneros que desaparecem e outros que nascem dependendo das necessidades dos falantes que os utilizam.

Os alunos devem estar preparados para compreender a dinâmica dos gêneros que circulam na sociedade e estarem aptos a interagir com a escrita a que estão familiarizados e com a que não lhes é familiar, dada a dinamicidade do

discurso. No ensino, devem ser desenvolvidos recursos para uma melhor compreensão dos aspectos cognitivos e esquemáticos que contribuem para que um determinado discurso aconteça. Os professores devem promover oportunidades para um aprendizado igualitário com vistas a vários letramentos, que levam os aprendizes a compreensão de como funcionam os textos nas sociedades. Defende-se aqui que letramento não apenas envolve compreensão do material que circula socialmente na comunidade brasileira como também implica o entendimento das maneiras de apropriação do sistema de escrita.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Realizando esta pesquisa, observou-se que o ensino a partir dos gêneros ainda é poucos explorados no ambiente escolar, com relação ao gênero crônica constatou-se que ela é usada na sala de aula apenas nas atividades de leitura, interpretação e análise linguística, limitando o aluno à realização de tarefas em que não exercitam a criação de textos, ou seja, não contribuem na formação de um aluno produtor proficiente, já que é o papel da escola. A partir do exposto, é possível ultimar que a Crônica é um gênero peculiar, que humaniza e dialoga com o leitor através de coloquialismo, leveza e subjetividade. Justamente por esses traços específicos que a aproximam do nosso cotidiano, entendemos que um trabalho com a crônica em sala de aula pode contribuir de maneira significativa para o ensino de língua portuguesa e literatura, funcionando como um ótimo recurso para o estímulo à leitura e à reflexão.

Este trabalho apresenta-se como importante ferramenta de diagnóstico do panorama ao qual, aqui se priorizou estudar o gênero Crônica e ainda, como mais uma possibilidade para o uso do texto e dos gêneros textuais em sala de aula, a fim de proporcionar a estudantes e professores oportunidades de leitura e produção escrita, visando, assim, a contribuir cada vez mais para a sua inserção no mundo da linguagem, com a qual lidamos e por meio da qual interagimos diariamente. Destarte, a presente pesquisa se mostrou de bastante relevância, pois evidencia que é possível o uso da Crônica como instrumento para o ensino da linguagem em situações concretas de comunicação e ainda se consegue desmistificar a ideia de que é um gênero complexo para ser utilizado em sala de aula e isto serve para ampliar o conhecimento do professor, que outrora tinha uma visão diferente deste gênero.

Portanto, diante do exposto, reafirmamos a importância da escola desenvolver e implementar atividades educacionais voltadas para à leitura, situações de produções e interpretações de texto, a fim de que possamos nos aproximar com maior êxito do objetivo de formar cidadãos críticos e competentes e de que estes, por sua vez, sejam muito mais que meros leitores, mas que sejam verdadeiros produtores de textos proficientes e socialmente eficazes, exercendo a plena cidadania.

## REFERÊNCIAS.

ARRIGUCCI JÚNIOR, David. **Enigma e comentário**. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das letras, 1999. p. 51-66.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: **a prática de linguagem em sala de aula: Praticando os PCNs**, São Paulo: Eduque; Campinas: Mercado das letras, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio-Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. MEC/SEB. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica – História, Teoria e prática**. Coleção Margens do texto. São Paulo: Ed. Scipione, 1993.

BRONCKART, J. P.; SCHNEUWLY, B., SCHURMANS, M. - N. **Manifesto: reformatando as humanidades e as ciências sociais, uma perspectiva vygostkiana**. **Revista Brasileira de Educação**, n.3, p.64 -74, (1996).

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo discursivo**. Trad. de A.R. Machado e P. Cunha. São Paulo: Educ., 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1989. p. 15-49.

CANDIDO, Antônio *et al.*. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa. (1992).

\_\_\_\_\_. **Literatura e Cultura de 1900 a 1945**. In: Literatura e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1980.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didactica Magna (1621-1657)**. eBooksBrasil, 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna.html>>. Acesso em: 03/09/2013.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática: velhos e novos temas**. Edição do autor, Maio. (2002)

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3ª ed. Campinas, Pontes/UNICAMP. 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão dos suportes dos gêneros textuais** (UFPE/CNPq-2003)

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, S. J. A. **A Crônica Brasileira**. São Paulo: Unesp, 1980. Revista Stylos, nº. 01.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. Revista Brasileira de Educação, n. 11, p. 27-40, maio/ago. 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura/ Isabel Solé**, trad. Cláudia Schilling – 6. ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Letramento literário: não ao texto, sim ao livro**. In: Aparecida Paiva et all. (Orgs.) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2002.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica: 2009.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b. (Coleção Vera Cruz: Vol 218).

\_\_\_\_\_. **A Literatura no Brasil – relações e perspectivas**. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: EDUFF, 1986. v.6.

KOCH, I. Gêneros do Discurso. In: KOCH. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, p. 53 - 60, 2002.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Português na Escola** - História de uma Disciplina Curricular. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p.155-177.

# ANEXOS

**ANEXO A - Foto 01: E.E.E.F.M Profº. Bernadino Pereira de Barros**



Fonte: Site da Escola

## ANEXO B – PRODUÇÃO TEXTUAL (CRÔNICA) 01

19.06.13

Tema: desmandos Públicos Provocou Protesto no povo Brasileiro

Assunto: Crônica

Aluna: Cligal de Cristina 1º B nº 10

No mês de Junho o povo brasileiro marcou um passo importante na história política do país, foi uma tomada de posição por parte do povo insperada por aqueles que governaram a nação brasileira. O povo cansado de esperar pelas promessas feitas nos tempos de eleições se viu quase obrigado a tomar uma atitude pois viu que a saúde do Brasil está precária, a educação se vê numa situação caótica e a segurança pública anda por caminhos falidos numa sociedade nova como o Brasil, os estudantes foram os seus munidos de cartazes e a bandeira do Brasil, eles se prepararam para uma caminhada ardida levaram flores brancas para simbolizar a paz e distribuíram para os policiais.

Porém quem não tinha nada haver entraram no protesto, um pequeno grupo de vândalos tentaram atrapalhar a caminhada quebrando agências bancárias, ônibus, prefeituras etc...

A tarifa de ônibus foi o estopim para as reivindicações, os jovens tentam alternar um estilo que estava muito tempo preso na garganta e são apoiados por todos, como motoristas e moradores por onde passam.

Percebe-se que no Brasil as coisas se funcionam

através

tilibra



## ANEXO C - PRODUÇÃO TEXTUAL (CRÔNICA) 02

## O campeonato

Um dia meus amigos e eu fomos jogar bola num campo perto de casa. Formamos vários times para jogar e quem ganhasse todos os jogos levaria um pacote de refrigerante. O campeonato começou todos os times jogavam bem, eu e meus amigos ganhamos o primeiro jogo de 5x3. depois de uma hora foi o nosso segundo jogo e nós ganhamos, nosso time ficava mais confiante cada vez mais.



Alguns meninos de outro time diziam que agente estava ganhando por causa do tamanho da arbitragem e começaram a ter discussões e falaram, que se a discussão não, acabassem o jogo se parava. Então todo mundo se acalmou.

Os jogos continuaram e nosso time se classificou para as finais junto com os meninos que estavam fazendo confusão. O juiz deu início ao jogo. Durante 10 minutos de tempo estava indo tudo bem, até que os meninos de outro time começaram a bater pra nós, nos machucarem, e nós acabamos indo pra bater também. O jogo começou a ficar violento demais, então o juiz disse que se não parava o jogo terminaria e ninguém ganharia. Houve uma discussão terrível, quase acertamos uma pedra no juiz teve briga mais separaram e o jogo terminou e ninguém ganhou.

No dia seguinte meus colegas e eu estamos conversando sobre o jogo e começamos a rir e combinamos que não vamos mais jogar nenhum campeonato quando esses meninos brigantes estiverem.

Fim!!!

## ANEXO D – PRODUÇÃO TEXTUAL (CRÔNICA) 03

Escola Bernardino Pereira de Barros  
 Aluna: Juliana nº. 21 série: 1º B

Crônica  
 Assalto

Uma vez numa linda manhã de domingo na cidade de Itaetuba eu estava sentada na frente da minha casa e passou dois rapazes em uma moto, varias vezes isso tudo por volta de 10:00 da manhã. Quando foi a tarde eu e minha prima estávamos sentada na frente de casa horas escutando musica no celular ai por voltar de oito e meia da noite eles pularam da moto e pucharam uma faca da pintura enorme e mandaram a minha prima pamar o celular, ela nervosa jogou o celular no chão e agente correu quando foi na manhã de segunda feira deu na rádio que os dois rapazes tinham furado uma moça antes de assaltar eu e minha prima, a policia correu atrás mais eles fugiram muito rapido.

www.romitec.com.br

## ANEXO E - PRODUÇÃO TEXTUAL (CRÔNICA) 04

## Conflito de casado.

Em uma tarde maravilhosa, e bonita, o jovem Rafael saiu pra passear no parque, quando de repente viu uma bela <sup>mulher</sup> conlusa vai conlusa um. Passa o tempo e eles acabam se casando era só love (Amor).

Passando-se o tempo depois do casamento Rafael começa a dizer que amava sua ~~es~~ esposa. Mas o que ninguém imaginava ~~era~~ que por trás de tanto amor havia um ciúme dentiu. Em uma tarde em solarada acaba acontecendo o que ninguém imaginava. Rafael, mantém sua esposa presa dentro de casa, e se recusa a soltá-la. Chuga a noite e seus familiares tentam convenci-lo a soltá-la mas ele nem dá ouvidos.

Por volta das 4:30h da manhã o pior aconteceu Rafael acaba agredindo a <sup>esposa</sup> esposa que fica desolada, e o rapaz no meio do desespero acaba se suicidando.